
A FEROCIDADE DA CULPA NA NEUROSE OBSESSIVA: DO DESAMPARO À ANGÚSTIA MORAL¹

Camila Peixoto Farias²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, Brasil

Marta Rezende Cardoso

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil

RESUMO. O objetivo deste artigo é investigar uma das vertentes mais relevantes da neurose obsessiva, a problemática moral. Isso se deve à importância que o sentimento de culpa adquire nessa patologia, expresso por meio de autoacusações. Nossa investigação centrar-se-á principalmente na questão do sentimento de culpa a partir da relação entre as instâncias do ego e do superego. Realizaremos uma elaboração teórica desta questão por meio de uma análise crítica da bibliografia consultada, segundo um modelo metodológico de tipo qualitativo. Procuraremos mostrar que a violência do superego, característica da neurose obsessiva, não está atrelada, de forma prioritária, à questão da lei, no sentido da moralidade. Examinaremos os aspectos essenciais que embasam a instauração do sentimento de culpa nessa modalidade de neurose, levando em conta a dinâmica pulsional subjacente. Visando demonstrar a ação de uma dimensão de violência psíquica na neurose obsessiva, analisaremos as determinações da violência do sentimento de culpa, considerando os aspectos tópicos, dinâmicos e econômicos envolvidos. O superego ataca o ego de maneira implacável, colocando-o em uma posição de passividade. Na tentativa de superá-la, o ego responde a esse ataque pela convocação de uma moral categórica.

Palavras-chave: Atos obsessivos; culpa; superego

THE FEROCITY OF GUILT IN THE OBSESSIONAL NEUROSIS: FROM THE HELPLESSNESS TO THE MORAL ANGUISH

ABSTRACT. The aim of this paper is to investigate one of the most relevant aspects of obsessional neurosis, the moral issue. This is due to the importance that guilt gets in this pathology, expressed through self-accusation. Our investigation will focus mainly on the issue of guilt starting from the relationship between the agencies of ego and superego. We will have a theoretical elaboration of this issue through a critical analysis of the literature, according to a methodological model of a qualitative type. We seek to show that the violence of the superego, characteristic of obsessional neurosis, is not primarily linked to the question of law in the sense of morality. We examine the essential aspects that underlie the settlement of guilt in this modality of neurosis, taking into account the drive dynamics implied. Aiming at demonstrating the action of a dimension of psychological violence in obsessional neurosis, we analyze the determinations of the violence of the guilt characteristic of this neurosis, considering the topical, dynamic and economic features involved. The superego relentlessly attacks the ego, putting it in a position of passivity. In an attempt to overcome such passivity, the ego responds to this attack by convening a categorical morals.

Keywords: Obsessive acts; guilt; superego.

LA FEROCIDAD DE LA CULPA EN LA NEUROSIS OBSESIVA:

¹ *Apoio e financiamento:* Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² *E-mail:* pfcamila@hotmail.com

DEL DESAMPARO A LA ANGUSTIA MORAL

RESUMEN. El objetivo de este artículo es investigar uno de los aspectos más relevantes de la neurosis obsesiva, la cuestión moral. Esto se debe a la importancia que el sentimiento de culpa adquiere en esta patología, expresado a través de autoacusaciones. Nuestra investigación se centrará principalmente en la cuestión del sentimiento de culpa a partir de la relación entre las instancias del ego y del superego. Haremos una elaboración teórica de este problema a través de un análisis crítico de la literatura consultada, de acuerdo con un modelo metodológico de tipo cualitativo. Trataremos de demostrar que la violencia del superego, característica de la neurosis obsesiva, no está vinculada, prioritariamente, a la cuestión de la Ley, en el sentido de la moralidad. Examinaremos los aspectos esenciales que fundamentan al establecimiento del sentimiento de culpa en esta modalidad de neurosis, teniendo en cuenta la dinámica pulsional subyacente. Para demostrar la acción de una dimensión de violencia psíquica en la neurosis obsesiva, analizaremos las determinaciones de la violencia del sentimiento de culpa, considerando los aspectos tópicos, dinámicos y económicos implicados. El superego implacablemente ataca al ego, poniéndolo en una posición de pasividad. En un intento por superar tal pasividad, el ego responde a este ataque mediante la convocatoria de una moral categórica.

Palabras clave: Actos obsesivos; culpa; superego.

Nossa reflexão se dirige à problemática da culpa na neurose obsessiva, procurando melhor apreender o que estaria na base de seu caráter violento e feroz. Para tal, nos debruçaremos sobre a questão do superego, em particular sobre a singularidade desta instância na neurose obsessiva.

Realizaremos um estudo teórico situado nas “fronteiras” da metapsicologia e da psicopatologia, dimensões inseparáveis no saber psicanalítico, próprias ao seu método particular de análise. Utilizando de uma metodologia que implica esses planos, faz-se possível ampliar o conhecimento dos temas centrais envolvidos em nossa investigação, elaborando as questões que compõem a sua situação-problema. A elaboração teórica destas questões será feita por meio de uma análise crítica da bibliografia consultada, análise que possui caráter eminentemente teórico e utiliza um modelo metodológico qualitativo, a partir de um método de pesquisa essencialmente hipotético-dedutivo. Trata-se de buscar romper com a suposta evidência de que a ferocidade que seria própria ao superego estaria exclusivamente relacionada com a problemática da interiorização da lei edípica. Nossa meta principal é, portanto, investigar a natureza da “lei” que acionaria a ferocidade do superego nesta neurose.

A moralidade severa, própria à neurose obsessiva, chamou a atenção de Freud e continua a nos interpelar, especialmente em função das violentas autoacusações características deste quadro clínico. O homem dos ratos é o exemplo mais eloquente dessa moral implacável, uma vez que ele assume o papel de carrasco de si mesmo, engendrando um circuito autopunitivo do qual não consegue desembaraçar-se. Como indica Laplanche (1980/1987), o sujeito em questão faz dos sintomas uma máquina de tortura, estando a culpa no cerne dessa lógica autopunitiva. O sentimento de culpa não estaria dando notícias aqui de um ataque pulsional violento que o ego tende a infligir a si mesmo?

O sentimento de culpa é comumente relacionado, de modo direto, à problemática da lei interna, levando-nos a investigar alguns aspectos da questão do superego. Visamos analisar a singularidade da formação desta instância na neurose obsessiva, mas, como anunciamos, pretendemos ultrapassar a suposta evidência de que a ferocidade própria a essa instância estaria exclusivamente relacionada com a problemática da interiorização da lei edípica. Esta proposta é, no nosso entender, de significativa relevância num estudo sobre a neurose obsessiva.

Os cerimoniais compulsivos: avatares da culpa

Em “Atos obsessivos e práticas religiosas” (Freud, 1907/2006), Freud explora um dos polos sintomáticos da neurose obsessiva: os rituais obsessivos ou atos compulsivos. O filósofo indica a proximidade entre os atos obsessivos e as práticas pelas quais os crentes expressam sua devoção. Os rituais obsessivos têm como característica principal o fato de obedecer as leis desconhecidas que regulam o que é permitido e o que fica proibido: “... uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido – ou, pelo menos, o sentido principal” (Freud, 1907/2006, p. 113).

Ferraz (2005) destaca que “Na neurose obsessiva os sintomas – ações obsessivas – são uma formação cujo objetivo é conciliar moções pulsionais antagônicas, vividas como forças que induzem a atos contraditórios” (p. 127). A força da pulsão recalçada é vivida, portanto, como tentação perigosa contra a qual o ego deve defender-se, cercado-se de medidas de proteção, como os cerimoniais neuróticos.

Na neurose obsessiva, o ego está constantemente sob a ameaça do fracasso do recalque, o que para impedir tal emergência, para combater a angústia, exige esforço constante, com grande dispêndio de energia. As medidas de proteção podem tornar-se insuficientes contra a tentação; surgem, então, as proibições, visando manter a distância situações que possam originar tentações. “Sob esse aspecto a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular” (Freud, 1907/2006, p. 111). O trabalho do recalque se prolonga aqui numa luta estéril e interminável, na qual os cerimoniais compulsivos têm papel fundamental, conforme sublinha, por exemplo, Chervet (2011) em artigo dedicado à genealogia da noção de compulsão na teoria freudiana.

Os cerimoniais neuróticos consistem, à primeira vista, em meras formalidades destituídas de sentido. Porém, são sempre executados como se o sujeito tivesse de obedecer a certas leis secretas que não podem ser desrespeitadas, sem intensa angústia. Esta está ligada à expectativa de punição que assola o sujeito, e que adviria do sentimento inconsciente de culpa.

Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos (Freud, 1907/2006, p. 113).

Em seu mais famoso estudo de caso acerca da neurose obsessiva, “O Homem dos Ratos” (1909), a atitude de Freud quanto à neurose obsessiva modifica-se. Percebemos sua constatação da complexidade de tal patologia até então pouco considerada. Nesse estudo, Freud indica que o ponto nodal do conflito obsessivo é um desejo agressivo, o desejo de morte dirigido a um objeto amoroso (Laplanche, 1980/1987). Este desejo está ligado à regressão à organização sádico-anal, que provoca a transformação das pulsões sexuais dirigidas ao objeto em agressividade, em ódio. A oposição precoce entre amor e ódio ganha destaque aqui, indicando o papel fundamental que o conflito ambivalente terá nesta patologia.

O desejo de morte dirigido ao pai está no cerne da problemática do “Homem dos Ratos”, especialmente o intenso sentimento de culpa engendrado. O fato de pensar na morte do pai coloca o homem dos ratos em posição de organizar essa morte. Pontua Pirlot (2012) que o combate a esse desejo é feito por meio das violentas autoacusações, intimamente articuladas a fantasias sádico-anais.

É por meio da noção de regressão que Freud (1909/2006) compreende a importância das fantasias sádicas próprias à organização sádico-anal na neurose obsessiva. A libido confrontada com o conflito edipiano, em função da intensidade dos desejos incestuosos, regride à organização sádico-anal. Numa regressão dupla do objeto e da libido, o sujeito passa a buscar os objetos e os objetivos que caracterizam essa organização. Não se trata de uma regressão tópica, operada pelo ego, mas de uma regressão no tocante à organização libidinal, acionada defensivamente (André, 2009).

Na organização sádico-anal, o que predomina não é a oposição entre masculino e feminino, mas entre ativo e passivo. É fundamental atentarmos para o papel da organização genital, da problemática edipiana, que não desaparece com a regressão à organização sádico-anal. Como destaca Green (2005), a regressão nos faz ouvir a linguagem da genitalidade na transcrição sádico-anal. Não há um desligamento definitivo dos objetos incestuosos. A problemática edipiana segue infiltrada na lógica sádico-anal. O embate estabelece-se, portanto, entre o ego e os desejos incestuosos disfarçados em desejos agressivos, sádico-anais, ou seja, a problemática edipiana passa a comandar a lógica sádico-anal.

As autoacusações obsessivas estão ligadas ao retorno das representações recalçadas, dirigem-se a impulsos censuráveis que foram recalçados, ligados a satisfações sádico-anais, a desejos hostis dirigidos ao objeto – que trazem subjacentes desejos incestuosos –, os quais foram separados da carga afetiva, que continua atuando na consciência. O afeto se desloca de uma representação à outra,

sob a forma de angústia (Pirlot & Cupa, 2012). Esse é um dos aspectos fundamentais para a compreensão da neurose obsessiva: angústia gerada pela exigência pulsional.

Laplanche (1980/1987) destaca que é justamente na tentativa de conter essa angústia que o ego lança mão de uma defesa com conotação moral, especialmente pela culpabilidade, das ferozes autoacusações. O sentimento de culpa está intimamente ligado aos desejos incestuosos que, em função da regressão à organização sádico-anal, transformam-se em desejos agressivos, desejos de morte dirigidos ao objeto. A autopunição obsessiva indica a satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas ao objeto, e que então retornam sobre o próprio eu.

O sentimento de culpa sinaliza o conflito entre o ego e a consciência moral. Esta dirige ao ego suas exigências de forma implacável, sua ferocidade estando relacionada ao crime de pensamento, aos desejos recalçados (Laplanche, 1980/1987). Estabelece-se, portanto, uma batalha intrapsíquica, enquanto cena interior, cena violenta, de julgamento e condenação, de exercício de poder e de subjugação.

Após 1920, com a construção do novo modelo da teoria das pulsões e, posteriormente, com a segunda tópica a noção de regressão tem seu significado modificado, em primeiro lugar a partir da noção de desintração pulsional. Freud situará a ação da pulsão de morte como consequência da regressão, apontando-a como fator decisivo, aspecto fundamental na neurose obsessiva. Vejamos o que ele afirma a este respeito:

Quanto à explicação metapsicológica da regressão, eu a procuro em uma desintração das pulsões, isto é, no fato de que os componentes eróticos, que haviam vindo juntar-se, com o início da fase genital, aos investimentos destrutivos da fase sádica, se vejam deles separados. Viemos a compreender que a defusão instintual e o surgimento pronunciado do instinto de morte exigem consideração específica entre os efeitos de algumas neuroses graves, tais como, por exemplo, as neuroses obsessivas (Freud, 1923/2006, p. 54-55).

Mesmo após a ação da pulsão de morte ter sido articulada ao trauma em 1920, conforme pontua Borges (2012), a regressão continua sendo o mecanismo sobre o qual está calcada a compreensão freudiana acerca da neurose obsessiva.

Em função da regressão, as moções agressivas da infância são reativadas e as novas moções libidinais irão expressar-se, em parte ou totalmente, sob a forma de intenções agressivas e destruidoras (Pirlot, 2012). Os componentes sádicos do pulsional ganham autonomia, passando a atuar desligados da pulsão sexual, intensificando a violência e a destrutividade. Os desejos agressivos não são aceitos pelo ego, que luta contra eles, recalçando-os.

As considerações sobre a neurose obsessiva feitas por Freud, já levando em consideração os remanejamentos tópicos que a segunda tópica introduziu, possibilitaram que a dinâmica obsessiva, especialmente sua violência e destrutividade, fosse descrita com mais clareza. O ego luta contra o recalçado, que exige satisfação de maneira cada vez mais imperiosa, buscando, ao mesmo tempo, obter o objeto do desejo e destruí-lo. Além disso, o ego está em embate constante com o superego cruel e intolerante, que o ataca de forma permanente. Lembremos que no contexto da segunda tópica, o conflito passa a ser situado entre o ego e o superego.

Os efeitos da regressão não se limitam ao id, mas agem de forma preponderante no superego. A regressão indica a desintração pulsional; o ego recalca as pulsões sádicas, porém, o efeito deste recalque é que estas passam a atuar não apenas no id, mas tornam-se o núcleo do superego. Portanto, na neurose obsessiva, estamos diante da preponderância do superego.

Superego feroz e neurose obsessiva

Na neurose obsessiva, o superego apresenta caráter especial, instância responsável pelo retorno das pulsões destrutivas sobre o ego. O superego apresenta-se aqui em sua vertente feroz e violenta, atacando o ego de modo impiedoso. Na neurose obsessiva, “a situação de perigo da qual o ego deve fugir é a hostilidade do superego, ... o perigo está inteiramente internalizado” (Freud, 1926/2006, p. 127).

A gênese do sentimento de culpa e sua singular ligação com a dimensão de lei interna merecem cuidadoso estudo, atento aos matizes e especificidades desta ligação e, em particular, à violência que a caracteriza. Faz-se, portanto, necessário compreendermos a natureza da “lei” que fundamenta a formação do superego nesta neurose. Para tal, vamos nos deter no papel que exerce na dinâmica intrapsíquica tendo ainda como referência algumas contribuições de Freud acerca do superego, com a intenção de sublinhar a complexidade dessa instância tendo em vista certas contradições que pudemos identificar na teorização que ele nos propôs.

Na neurose obsessiva o sujeito constrói um circuito autopunitivo em torno do qual a vida psíquica permanece siderada. Porém, como sugere Laplanche (1980/1987), é preciso olhar para além do carrasco de si mesmo – tão bem exemplificado pelo “Homem dos Ratos” – e buscar compreender a singularidade da dinâmica intrapsíquica envolvida.

... é preciso conceber, no ‘eu me faço sofrer’, a instauração de uma cena subjetiva com, pelo menos, duas personagens: ‘eu me faço sofrer’ é sempre, de um modo ou de outro, ‘eu faço sofrer em mim o outro que aí pus. Há um desdobramento interno. E não somente o me, de ‘eu me faço sofrer’, é um outro, mas é preciso entender – e é esse o tema do superego – que o eu, também, é um outro (Laplanche, 1980/1987, p. 278).

Na obra freudiana, o superego é tratado, principalmente, como herdeiro do complexo de Édipo. No entanto, encontramos também em Freud, ainda que de forma menos nítida, uma linha de argumentação – intimamente ligada à neurose obsessiva – na qual o superego seria expressão dos mais poderosos impulsos e vicissitudes libidinais do id.

A desfunção de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego (Freud, 1923/2006, p. 67).

Os efeitos da regressão não se limitam ao id, mas agem de forma dominante no superego, sendo essa regressão o resultado de uma desintração pulsional. Freud acrescenta que a severidade do superego na neurose obsessiva deriva da importância da desintração pulsional provocada pela regressão à organização sádico-anal a qual, por sua vez, decorreria da problemática edipiana. Isso faz com que a lógica incestuosa e violenta passe a imperar no psiquismo, pois os desejos incestuosos disfarçar-se-iam em tendências agressivas e destrutivas.

Desse modo, o cenário edipiano passa a ser um cenário sádico-anal. Em função da dessexualização, o componente erótico perde o poder de unir a totalidade da agressividade com a qual se achava combinado, sendo esta liberada. Nesse componente destrutivo, resultante da desintração pulsional, as pulsões sádicas projetadas para fora vêm a ser reintrojadas pelo ego em formação, constituindo o superego.

Em 1930, a relação entre o superego e as pulsões na neurose obsessiva será abordada por Freud de forma mais detalhada. A renúncia pulsional seria a fonte da severidade do superego. Esta é estreitamente articulada à dimensão pulsional, o que justificaria o fato de esta instância voltar-se contra o ego de maneira tão cruel. Freud irá destacar que “... o efeito da renúncia instintiva sobre a consciência, então, é que cada agressão de cuja satisfação o sujeito desiste é assumida pelo superego e aumenta a agressividade deste (sobre o ego)” (Freud, 1930/2006, p. 132).

Esta intensificação da agressividade superegoica é sentida pelo ego, pela exacerbação do sentimento de culpa. Quanto maior a renúncia pulsional, maior a pressão que o superego exerce sobre o ego, indicador de que a renúncia pulsional é, na verdade, diretamente proporcional à exigência superegoica. Na “... formação do contrato de renúncia à satisfação imediata dos objetivos pulsionais o obstáculo às pulsões agressivas enseja o crescimento do sentimento de culpa” (Kaës, 2014, p. 98).

Esta constatação abre importante questionamento da ideia de que o superego seria apenas um herdeiro do complexo de Édipo. É, assim, enunciada a vertente pulsional do superego, problematizando, portanto, a sua origem. Neste momento, conforme aponta Cardoso (2002), os

aspectos contraditórios da teoria freudiana sobre a constituição do superego são evidenciados, revelando-nos a complexidade que comporta esta temática, a qual demanda reflexão mais apurada.

A renúncia à satisfação da agressividade, ou seja, o retorno das pulsões sádicas passa a constituir e a alimentar o superego. Freud nos mostra (1930/2006) que a regressão e a desintração pulsional – que, segundo ele, resultariam de elaboração precária do complexo de Édipo – fazem com que a destrutividade ganhe força, passando a vigorar por meio do ataque que o superego endereça ao ego. O imperativo de satisfação pulsional vem a dominar no superego, que o dirige de forma impiedosa ao ego (Freud, 1930/2006). A renúncia pulsional é tratada como fonte de energia para o superego, colocando em relevo a suposição de uma origem pulsional para esta instância. Sua ferocidade adviria justamente da violência das pulsões sádicas.

Estamos diante da dupla polaridade da teoria do superego em Freud: herdeiro do complexo de Édipo por um lado; aspecto pulsional, sádico, por outro. Isso expressa, segundo Cardoso (2002), o paradoxo que caracteriza a problemática do superego na obra freudiana: “... o superego como representante da ‘realidade’ e como instância que retira sua força das pulsões” (Cardoso, 2002, p. 21).

Na neurose obsessiva há um ataque constante, originado do superego feroz, contra o qual o ego precisa defender-se. Ao violento ataque do superego, o ego tende a responder com a convocação da moral, por meio do sentimento de culpa. Vejamos o que estaria na base desse sentimento de culpa.

Angústia moral: “barreira” à passividade pulsional?

Freud (1930/2006) aborda o sentimento de culpa na neurose obsessiva como angústia moral ou angústia diante do superego. Afirma que “... talvez seja bem-vinda, aqui, a observação de que o sentimento de culpa não é, no fundo, nada mais que uma variante tópica da angústia e que, em suas fases posteriores, ele é absolutamente idêntico à angústia diante do superego” (Freud, 1930/2006, p. 138). Encontramos nessa passagem uma pista importante acerca da íntima articulação que haveria entre sentimento de culpa e angústia nesta patologia.

Tal articulação aparece pela primeira vez na obra freudiana no texto “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (Freud, 1916/2006), quando nela é consolidada a concepção das bases do sentimento de culpa, a partir da constatação de que a sua intensidade não estaria necessariamente ligada aos atos cometidos. O sentimento de culpa poderia, ao contrário, ser o fator que conduziria o sujeito a praticar um crime.

No referido texto, Freud sustenta que a convocação do sentimento de culpa vem dar sentido à angústia que atormenta o ego; o crime viria justificar a ação de tal sentimento. Neste último caso, tal sentimento é pensado como fator de ligação: o ego, dominado pela angústia, convoca a moral como forma de aplacá-la, dominá-la.

O sentimento de culpa adviria, então, como possibilidade egoica de enfrentamento da angústia, como forma de tentar recuperar o controle do mundo interno, de sua dinâmica pulsional. Sobre este ponto, destaca Cardoso:

Situar a culpa na tópica, eis aí uma tarefa essencial. A este propósito diríamos que a culpa vem sempre dar um sentido, mesmo quando se apresenta sob a forma ‘categórica’: ‘seja como for és culpado’. Porém, ela deve, neste caso, ser referida ao registro do ego, aquele que é afetado por uma ‘realidade’ que o ultrapassa. Nesse sentido, toda culpa é do ego e toda culpa é secundária em relação à angústia (Cardoso, 2002, p. 154. Grifo da autora).

Dominado por angústia difusa, o ego, ao apelar para a culpabilização, parece aí buscar um fator de ligação para um transbordamento interno ameaçador de suas fronteiras. A angústia moral, segundo Cardoso (2002), permitiria uma primeira contenção do ataque pulsional, dando-lhe uma forma, um contorno. Portanto, angústia e sentimento de culpa não se situam num mesmo plano; haveria uma via de passagem da angústia à culpa.

O afeto provocado pelo ataque superegoico poderia ser efetivamente considerado como angústia?

“Susto”, “medo” e “ansiedade” são palavras impropriamente empregadas como expressões sinônimas; são, de fato, capazes de uma distinção clara em sua relação com o perigo. A

“ansiedade” descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O “medo” exige um objeto definido de que se tenha temor. “Susto”, contudo, é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator da surpresa (Freud, 1920/2006, p. 23).

As noções de “susto” e angústia se contrapõem, já que o “susto” aponta para uma situação de despreparo contrária à da angústia, que implica preparação para o perigo. Quando esta preparação não ocorre, quantidades excessivas de excitação invadem o ego, deixando-o submerso e passivo, indicando transbordamento, marca do traumático (Green, 2011).

A angústia protege o ego de uma invasão súbita de suas fronteiras; já o “susto” indica situação extrema na qual o ego encontra-se passivo. O termo “susto” coloca em relevo o fator surpresa, a ausência de proteção diante do ataque pulsional. Como iremos explorar a seguir, trata-se aqui, no nosso entender, de uma situação de desamparo psíquico.

A noção de desamparo é de grande relevância para pensarmos as origens do sentimento de culpa, tendo como ponto de partida a preciosa indicação freudiana, no início de sua obra: “... o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, 1950/2006, p. 370).

Na teoria freudiana, a noção de desamparo aparece vinculada à dimensão orgânica, à necessária prematuração do ser humano, estado inicial de dependência absoluta do bebê ao outro adulto para a satisfação das suas necessidades e sua sobrevivência. Após 1920, no quadro da segunda teoria da angústia, o estado de desamparo vem a ser considerado como protótipo da situação traumática geradora de angústia. Freud reconhece que um aumento progressivo da tensão ao ponto de o sujeito se ver incapaz de dominá-la, sendo submergido por ela, é o que define uma situação que vem reeditar o estado de desamparo, entendido, assim, como situação traumática.

Restringir a compreensão da questão do desamparo a uma ótica biológica – o que se oporia à compreensão psicanalítica dessa noção – significaria, dentre outros equívocos, considerar a vida psíquica a partir de uma perspectiva evolucionista de acordo com a qual, com o processo de desenvolvimento, a situação de desamparo seria superada, sendo desconsiderada, desse modo, a sua condição de experiência essencial e inevitável no funcionamento psíquico.

O estado de desamparo constitui o protótipo de toda situação traumática, conforme sustenta Freud (1926/2006) em “Inibições, sintomas e ansiedade”. Ele aí se refere ao desamparo como aquele estado no qual o sujeito encontra-se inundado pelo excesso de excitações, ultrapassando a sua capacidade de ligação. A partir dessa contribuição, a questão pode ser ampliada. Consideramos que o estado de desamparo diz respeito, em última instância, à questão da passividade egoica diante da pulsão, questão, afinal, dos limites da representação, da simbolização da força pulsional. O desamparo está vinculado à incapacidade: a princípio, incapacidade psicomotora do bebê, mas, sobretudo, incapacidade do aparelho psíquico em dar conta do excesso de excitações, do excesso pulsional.

O que define o desamparo “é a situação de total passividade em que se encontra o sujeito, a incapacidade de, com seus próprios recursos, encontrar saída para seus impasses” (Rocha, 2000, p. 130). Já nas proposições freudianas, encontra-se a ideia de uma impossibilidade de resposta por parte do ego como aspecto mais fundamental na situação de desamparo. Porém, como indica Jacques André (2009a), é Laplanche quem realmente vem dar relevo a esta articulação, desvinculando definitivamente à compreensão da noção de desamparo psíquico, do âmbito biológico e situando-a no âmbito da relação com o outro.

Assim, a angústia moral pode ser pensada como uma barreira ao desamparo, à transgressão pulsional. Essa expressão foi cunhada por Marta Rezende Cardoso para referir-se a “... um atravessamento pulsional no território egoico” (Cardoso, 2010, p. 103). A autora inspirou-se na ideia de transgressão marinha, que consiste na invasão de um trecho do continente pelas águas do mar. A ideia de transgressão pulsional nos ajuda a evidenciar o que estaria subjacente à angústia moral.

Sustenta Laplanche (1980/1987) que, subjacente à angústia e à culpabilidade há o pulsional que, do interior, ataca o sujeito. A angústia moral e a culpabilidade vêm sinalizar a luta do ego contra uma transgressão pulsional, primeiro enfrentamento do ataque pulsional. Dessa forma, o sentimento de culpa seria secundário em relação ao desamparo, como resposta egoica ao ataque pulsional. Trata-se

de recurso defensivo através do qual o ego vem dar a ele uma “figura”, (de)limitando, assim, a sua violência, ou seja, trata-se de uma tentativa de fazer frente ao ataque pulsional.

Na tentativa de conter o ataque superegoico, o ego lança mão da culpabilidade. Neste contexto, ganha relevância a dimensão de violência intrapsíquica, de autoataque, ocultada, de certa maneira, no sentimento de culpa. Na busca de sair da posição de passividade, de se defender do ataque superegoico, o ego utiliza mecanismos de defesa elementares implicados nessa passagem à culpabilidade, à angústia moral: retorno sobre si e inversão no contrário. Por meio do sentimento de culpa, o ego retorna sobre si os imperativos superegoicos – mas já simbolizados; com isso, sai da posição de passividade, tornando-se supostamente ativo, posto que permanece sob os comandos do invasor. Estamos diante da “dominação” desse estrangeiro radical através da repetição de seus imperativos.

Essa repetição se dá sob a forma de autoataque, de autopunição, engendrando violento circuito defensivo autopunitivo em torno do qual o neurótico obsessivo permanece siderado. O ego, não conseguindo responder a tal ataque, impossibilitado também de recalcar tais mensagens ou integrá-las em seu território –, passa, por meio do sentimento de culpa, do circuito autopunitivo, a responder por ele, retornando sobre si os imperativos superegoicos (Cardoso, 2002).

Nessa passagem à culpa, há já um trabalho de simbolização, trabalho egoico, ainda que elementar. Ao contrário do que talvez pudéssemos pensar, o sentimento de culpa não indica diretamente o ataque superegoico, mas já o acionamento de um enfrentamento egoico a tal ataque e isso se dá de modo singular na neurose obsessiva, em contraponto com o que se dá, por exemplo, no quadro da melancolia. Acreditamos que esta discriminação tem importância fundamental, pois vem desvelar um elemento dos mais essenciais para a compreensão da neurose obsessiva, tendo em vista a sua complexidade.

Deste modo, introduzimos, a seguir, um tópico dedicado a esse contraponto entre neurose obsessiva e melancolia, análise que nos permitirá mostrar que a ferocidade da culpa (aspecto central no texto) não é exclusividade do quadro da neurose obsessiva. Abordaremos este aspecto da questão à luz, dentre outros aspectos, da questão das fases de organização da libido e da noção de regressão, com o objetivo de destacar a singularidade da neurose obsessiva tendo em vista as bases específicas da ferocidade que o sentimento de culpa comporta nesse quadro. Comparar dois quadros clínicos, próximos, no que concerne a um aspecto determinado, constitui, no nosso entender, um recurso metodológico legítimo para a apreensão justamente daquilo que se pretende sustentar como traço particular de um deles.

Autoacusação na neurose obsessiva e na melancolia: um breve contraponto

A cena interior na neurose obsessiva é marcada por violento embate entre superego e ego. Estabelece-se uma relação assimétrica, de caráter sadomasoquista, entre as duas instâncias, regida pela dialética entre atividade e passividade. Este mesmo aspecto tem lugar no quadro da melancolia, caracterizado também pela presença de violentas autoacusações. Em ambas as patologias, há uma regressão à organização pré-genital da libido, mais especificamente à organização sádico-anal. Porém, apesar de sua relação comum com esta última, a melancolia e a neurose obsessiva apresentam diferenças fundamentais. Procuraremos nos deter em apenas um dos elementos aqui em questão.

Quando comparamos o curso da libido na neurose obsessiva e na melancolia, podemos logo ver que no neurótico obsessivo, apesar da insegurança de suas relações com o objeto, ele nunca se desvia tanto da meta normal de seu desenvolvimento numa direção regressiva como o faz no caso do melancólico (Abraham, 1927/1970, p. 94).

A melancolia e a neurose obsessiva estariam sob a influência de elementos heterogêneos da fase sádico-anal. Segundo Abraham (1927/1970), o erotismo anal contém duas tendências de prazer opostas: reter e expulsar. Essas duas aliam-se às tendências sádicas: destruir o objeto por um lado e, por outro, controlá-lo, dominá-lo. A fase sádico-anal do desenvolvimento libidinal apresentaria, portanto, dois níveis. No nível posterior, predominariam as tendências conservadoras de reter e

controlar o objeto, enquanto no nível mais antigo, as tendências hostis ao objeto, relativas à sua destruição, estariam em primeiro plano. Na passagem de um nível para o outro ocorreria decisiva modificação na atitude do sujeito para com o mundo exterior. A tendência a preservar o objeto começaria a predominar a partir do segundo nível.

Na melancolia, há a ação da tendência à expulsão e à destruição do objeto por meio apenas da incorporação – na base da “identificação com o objeto perdido”, de acordo com as proposições de Freud (1917[1915]/2006) – abandonando, assim, o investimento nos objetos externos. Sublinha Perdomo (2010, p.325) que “é como se o objeto perdido tivesse condensado sobre si toda a libido, quebrando dessa maneira a massa de representações do Eu.” Já na neurose obsessiva há igualmente a tendência a reter o objeto, mas, em seguida, a de controlá-lo. O neurótico obsessivo vem a abandonar a tendência a incorporar o objeto, passando, além disso, ao desejo de dominá-lo e possuí-lo. Ele regride, mas para um nível posterior desses dois planos, mantendo, assim, o contato com o objeto.

Na melancolia, a regressão se dá num nível mais primitivo da fase sádico-anal, abrindo caminho à regressão à fase oral canibalística, cuja finalidade pulsional é incorporar o objeto em si próprio. Dessa forma, esta seria importante zona de transformação dos investimentos. Uma vez ultrapassada numa direção regressiva, ou seja, uma vez tendo abandonado suas relações de objeto, a libido parece deslizar rapidamente para níveis precedentes. De acordo com as proposições de Abraham (1927/1970), agem na melancolia elementos ligados tanto à organização sádico-anal quanto à organização oral.

Se as tendências conservadoras – as de reter e controlar seu objeto – são as mais poderosas, esse conflito em torno do objeto de amor suscitará fenômenos de compulsão psicológica. Mas se as tendências sádico-anais opostas – ou seja, aquelas que visam a destruir e expelir o objeto – forem as vitoriosas, então o paciente cairá em estado de depressão melancólica (Abraham, 1927/1970, p. 93).

Ainda que demasiadamente centradas na questão das fases de organização da libido, as proposições de Abraham muito nos interessam por indicarem que, tanto na neurose obsessiva quanto na melancolia encontramos a ação de uma dimensão destrutiva, porém de forma diferenciada. Na neurose obsessiva, a destrutividade, embora assentada num modo de funcionamento arcaico, encontra uma possibilidade de garantir a entrada em ação de Eros, no sentido da ligação com o objeto, mesmo que limitada a uma busca de domínio e controle sobre ele. Mas temos que levar em conta que a ligação com o objeto não se rompe como ocorre na melancolia, onde encontramos a ação da destrutividade no predomínio do desinvestimento.

Do ponto de vista intrapsíquico, em ambas as patologias o superego ataca o ego de maneira implacável, colocando-o em posição de passividade. Na neurose obsessiva, o ego, procurando superar essa passividade, responde ao ataque superegoico pela convocação da moral e, igualmente, pelo domínio do objeto.

O violento circuito autopunitivo engendrado pelo sentimento categórico de culpa permite, pela própria introdução da dimensão de culpabilidade, o recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão relativa ao registro edípiano. Na neurose obsessiva, a dimensão de interdito se apresenta como expectativa de severa punição diante do exercício do desejo, o que constitui, de fato, outro destino ao ataque pulsional, destino de tipo secundário, já implicando num processo de simbolização ainda que guarde um caráter igualmente violento, ou seja, opera-se neste caso um recobrimento do plano do ataque pulsional pelo plano edípico, transcrito assim em ameaça de punição. Vejamos, em detalhes, os elementos envolvidos nesse aspecto da questão.

Culpa insensata na neurose obsessiva: abertura ao registro edípiano

Na neurose obsessiva, o superego ataca o ego de maneira implacável, colocando-o em uma posição de passividade. Na tentativa de superar essa passividade, o ego responde ao ataque superegoico pela convocação da moral sendo que o sentimento de culpa apresenta-se, neste caso,

sob sua forma categórica, imperativa e violenta: “Seja como for, és culpado”. A violência desse sentimento é diretamente proporcional à violência do ataque pulsional, superegoico: “Seja como for, és culpado representa a ação de um objeto inicial penetrante que vem terrorificar o indivíduo” (Cardoso, 2002, p. 160).

De acordo com a autora, o superego é secundariamente revestido, pelo trabalho do ego, de um conteúdo moral. O violento enunciado “Seja como for, és culpado” envolve um processo de construção egoica, na busca de conter o ataque pulsional. A dimensão moralizante, moralidade categórica, virá dar um “sentido” àquilo que não pôde ser originalmente integrado na tópica. O violento circuito autopunitivo engendrado pelo sentimento categórico de culpa permite o recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão edipiana – uma vez que na neurose obsessiva a lei se mantém pela punição –, o que dá outro destino a esse ataque, mas de caráter igualmente violento.

O neurótico obsessivo permanece aprisionado ao conflito entre lei e transgressão. O circuito autopunitivo evidencia o embate entre o desejo e a proibição, embate no qual o psiquismo do neurótico obsessivo permanece cristalizado. Com isso, o imperativo moral categórico “Seja como for, és culpado” transforma o obsessivo em um criminoso. Este recurso permite “limitar”, “dominar” a violência do ataque pulsional, pois o sentimento de culpa passa, a partir daí, a estar referido a um crime cometido, ou seja, o ataque pulsional ganha uma significação cuja lógica centra-se no interdito edipiano. A angústia de aniquilamento vem a ser recoberta pela angústia de castração.

Essa singular dinâmica estabelecida entre ataque e defesa, engendrada pela violenta relação entre superego e ego pode ser ilustrada, em toda sua exuberância, no caso do “Homem dos Ratos”. O violento circuito autopunitivo que aí tem lugar expressa a dominância de uma lógica extremamente torturante e imobilizadora, marcada pela dialética entre atividade e passividade, e orientada por um roteiro sadomasoquista.

Na neurose obsessiva, os desejos sádico-anais são comandados pela lógica edipiana, lógica incestuosa. Além da dimensão autopunitiva que essa organização sintomática evidencia, há também uma dimensão de intensa satisfação ligada à realização deslocada dos desejos incestuosos. Portanto, punição e satisfação, lei e transgressão aparecem articuladas no circuito autopunitivo que o “Homem dos Ratos” se impõe. Dessa forma, o suplício dos ratos, esta terrível apreensão que o atormentava, expressa, de modo exemplar, tanto a violência do ataque pulsional implicado, quanto o seu recobrimento por uma dimensão edipiana.

É o complexo de Édipo, em sua configuração completa, que possibilita a interiorização da lei; na neurose obsessiva à regressão diante do complexo de Édipo a organização sádico-anal entrava de forma importante seu estabelecimento. A interdição estabelece-se de forma frágil e está constantemente sob ameaça de fracassar. A força das medidas defensivas e a energia, que o obsessivo precisa despender para que a interdição não fracasse, evidenciam essa ameaça.

O registro edipiano segue aqui infiltrado da lógica sádico-anal. Na neurose obsessiva, a regressão à organização sádico-anal indica coalescência entre a problemática genital e a problemática sádico-anal: os desejos incestuosos agem disfarçados por meio dos desejos sádico-anais.

Ao se referir ao superego na neurose obsessiva, Laplanche (1980) sublinha:

O superego apresenta-se como um rato, gozador, cruel, a própria imagem da pulsão. De sorte que o conflito moral, torturante, implacável, aparentemente assimilável a um conflito de nível elevado, não faz mais do que encobrir uma luta ‘cruel e lúbrica’ em que o castigo supremo está sempre agregado ao gozo supremo (Laplanche, 1980/1987, p. 286).

O recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão moral, ou seja, a inserção do ataque pulsional em uma lógica edipiana possibilita que mecanismos de defesa neuróticos possam ser construídos, embora tragam a marca da violência pulsional. Na neurose obsessiva, o sentimento categórico de culpa nos permite vislumbrar a situação de desamparo a que o ego está exposto, embora nela se opere simbolização elementar dessa ameaça de aniquilamento, em resposta a ela.

Considerações Finais

Concluindo a nossa reflexão, gostaríamos de enfatizar que a ideia de “secundarização” do sentimento de culpa nos permitiu colocar em evidência a diferenciação entre uma dimensão de ataque pulsional, ligada ao superego, e uma dimensão defensiva, de simbolização, que a recobre, referida ao ego. Procuramos mostrar que estas duas dimensões, embora indissociáveis, não se reduzem uma à outra. Tal diferenciação nos possibilitou indicar o papel fundamental que a força pulsional – subjacente ao sentimento de culpa – desempenha na neurose obsessiva. Trata-se de recurso defensivo por meio do qual o ego vem dar a ele uma “figura”, (de)limitando, assim, a sua violência, ou seja, tentando fazer frente ao ataque pulsional.

Como mostra Cardoso (2002), na passagem à culpa opera-se já um trabalho de simbolização, trabalho egoico, ainda que elementar. Ao contrário do que talvez pudéssemos pensar, o sentimento de culpa na neurose obsessiva não indica diretamente o ataque superegoico, mas o acionamento de um enfrentamento egoico a tal ataque.

Referências

- Abraham, K. (1970) *Teoria Psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1927).
- André, J. (2009) “Un intime”. In: P. Aulagnier et al. *La pensée interdite* (pp. 139-148). Paris: PUF.
- André, J. (2009a) *Les 100 mots de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Borges, G. M. (2012). *Neurose traumática: fundamentos e destinos*. Curitiba: Juruá.
- Cardoso, M. R. (2002) *Superego*. São Paulo: Escuta.
- Cardoso, M. R. (2010) “Violência, domínio e transgressão”. In: M. R. Cardoso, & C. A. Garcia., *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços* (pp.103-113). Curitiba: Juruá.
- Chervet, B. (2011) “Compulsion, répétition et reduction”. In: B. Chervet. (Org.). *La compulsion de répétition* (pp.7-36). Paris: PUF,.
- Ferraz, F. C. (2005) “A ‘religião particular’ do neurótico. Notas comparativas sobre a neurose obsessiva e a perversão.” In: M. T. Berlinck. (Org.). *Obsessiva Neurose* (pp.125-149). São Paulo: Escuta,.
- Freud, S. (2006) Atos Obsessivos e práticas religiosas. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) ‘Gradiva’ de Jensen e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 9, p.107-120). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1907).
- Freud, S. (2006) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Duas histórias clínicas (O “pequeno Hans” e o “Homem dos ratos”). (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 10, p. 137-276). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1909).
- Freud, S. (2006) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Conferências introdutórias sobre psicanálise (Parte III). (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 14, p. 325-350). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1916).
- Freud, S. (2006) Luto e melancolia. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 14, p. 242-266). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1917).
- Freud, S. (2006) Além do princípio de prazer. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 18, p. 13-156). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (2006) O ego e o id. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) O ego e o id e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 19, p. 15-82). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (2006) Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 20, p. 81-174). Rio de Janeiro: Imago (Original escrito em 1925 e publicado em 1926).
- Freud, S. (2006) O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 21, p. 66-148). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1929-1930).
- Freud, S. (2006) Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed. e J. Salomão, Trad.) Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. (*Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume 1, p. 335-464). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1950).
- Green, A. (2005) Neurose obsessiva e histeria: suas relações em Freud e a partir de Freud. Estudo clínico, crítico e estrutural. In: M. T. Berlinck. (Org.). *Obsessiva neurose* (pp. 165-214). São Paulo: Escuta.

- Green, A. (2011) Répétition et compulsion de répétition. Relation à l'objet et aliénation à l'objet. In: B. Chervet. (Org.) *La compulsion de répétition* (pp.63-70). Paris: PUF.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Idéias & Letras. (Original publicado em 2009).
- Laplanche, J. (1987) *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1980).
- Perdomo, M. C. (2010) “A perda, o luto e o narcisismo: uma releitura de Luto e melancolia”. In: E. Marraccini. (Org.). *O eu em ruína* (pp. 311-335). São Paulo: Primavera Editorial.
- Pirlot, G. & Cupa, D. (2012). *Approche psychanalytique des troubles psychiques*. Paris: Armand Colin.
- Pirlot, G. (2012). “De la cruauté de l'homme aux rats aux attaques du cadre et de l'analyste: l'oroanalié de la cruauté”. In: G. Chaudoye, & D. Cupa. (Orgs.). *Figures de la cruauté*. Paris: Editions EDK, p. 89-105.
- Rocha, Z. (2000) *Destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.

Recebido: 30/05/2014
Aprovado: 27/01/2015

Camila Peixoto Farias: psicanalista; doutora em teoria psicanalítica pelo Programa de Pós-Graduação em teoria psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro; pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Maria; bolsista Capes.

Marta Rezende Cardoso: psicanalista; doutora em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade de Paris Diderot - Paris 7 (França); professora associada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Pós-Graduação em teoria psicanalítica); pesquisadora do CNPq.